

2001 • ISSN 1519-1095

revista
Literal
escola de psicanálise de campinas

Um Século de
Interpretação
dos Sonhos

4

LITERAL

ISSN 1519-1095 • Campinas/SP • Número 4 • P 1-234 • 2001

Do Inconsciente como Causa de Divisão do Sujeito

MÁRCIO APARECIDO MARIGUELA

Escola de Psicanálise de Campinas
Universidade Metodista de Piracicaba
m.mariguella@terra.com.br

O que há e o que não há...
Se é em pé que se dorme
como é se levantar,
Se a forma do sonho é disforme
Como um porre de aluá...

CHICO CÉSAR

Toda obra fundadora impõe rupturas profundas e cria um nome próprio que passa a ocupar a função autor. Freud é o autor da *Traumdeutung*. Freud alinhou-se a Copérnico e Darwin para designar a novidade de sua obra: a psicanálise. A primeira geração de leitores do livro dos sonhos procurou interpretar o germe inaugural de Freud, alinhando-o à história da psicologia oficial, e passou a designá-lo como o Cristóvão Colombo do inconsciente.¹

Na *Traumdeutung*, Freud inaugura publicamente sua teoria do inconsciente. Uma das chaves para abordar o modo de sua construção diz respeito ao problema da deformação, apresentado no capítulo IV. Tal problema é da maior relevância para caracterizar o processo de formação onírica e, assim, apreender as elaborações sobre o processo de condensação e de deslocamento como trabalho do sonho apresentado no capítulo VI. Destacarei alguns argumentos de Freud, de modo a apontar a

¹ Georges Politzer já apontava em 1926 os equívocos dos adeptos de Freud na designação: "de acordo com eles, longe de fazer reviver a psicologia intelectualista, a psicanálise liga-se, pelo contrário, a esse grande movimento que se esboça a partir do século XIX e que enaltece a importância da vida afetiva; com a teoria da libido, com a primazia do desejo sobre o pensamento intelectual, enfim, com a teoria do inconsciente afetivo, a psicanálise é o coroamento desse movimento todo" (POLITZER, 1998, p. 50).

leitura de Jacques Lacan sobre o aforismo utilizado por Freud para encerrar a Conferência XXXI – “A Dissecção da Personalidade Psíquica” –, de 1932.

Antes, porém, cabe destacar um aspecto da tradução do título do capítulo IV. Na Edição Standard Brasileira de *A Interpretação dos Sonhos*, ocorre uma oscilação entre os termos *distorção* e *deformação* para designar o processo onírico. Na edição francesa de Meyerson, revista por Denise Berger, *deformação* foi o escolhido. No *Seminário - Livro 5: as formações do inconsciente*, Lacan traduziu como *transposição*. *Distorção*, *deformação* e *transposição* são conceitos que apresentam significados diferentes e implicam abordagens distintas sobre o inconsciente.

Nos dois primeiros, pressupõe-se conceber o inconsciente como sede das pulsões, ou seja, uma forma prévia que será modificada pela ação da censura. Freud admite, assim, a existência de “duas forças psíquicas (ou podemos descrevê-las como correntes ou sistemas); e que uma dessas forças constrói o desejo que é expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo onírico e, pelo emprego dessa censura, acarreta forçosamente uma (deformação) na expressão do desejo”.² Temos aqui estabelecidos os elementos necessários para articular a montagem do aparelho do psíquico: a força produtora do desejo onírico, a primeira instância; a força censurante, a segunda instância; e a consciência, “como um órgão sensorial que recebe dados surgidos em outros lugares”.³

Freud apresenta aos leitores o tema do conflito psíquico demarcado pelas elaborações sobre o **processo de transposição**. Há ainda um argumento importante, qual seja, a distinção entre consciência e representação, fundamental para apreender a distinção feita por ele entre conteúdo manifesto (relato verbal) e pensamento onírico latente. O processo de formação de uma representação ocorre num lugar outro, numa Outra cena.

A consciência é considerada um ato psíquico específico, distinto e independente do processo do pensar representativo. Em outras palavras, os elos da cadeia associativa dos pensamentos chegam deforma-

² FREUD, 1987, p. 159.

³ *Ibid.*, p. 159.

dos⁴ à consciência pela ação da segunda instância, que “não permite que passe coisa alguma sem exercer seus direitos e fazer as modificações que julgue adequadas no pensamento que busca acesso à consciência”.⁵ Por isso, Freud é obrigado a supor que “nada pode atingir a consciência a partir do primeiro sistema sem passar para a segunda instância”.⁶

Se o sentido de todos os sonhos é a realização de desejo, como explicar os sonhos de angústia e os sonhos aflitivos, aqueles em que a dor e o desprazer são mais comuns do que o prazer? Para responder à questão, Freud investiga a origem do fenômeno da transposição que ocorre nos sonhos. Estabelece, para tanto, a oposição entre conteúdo manifesto (relato verbal) e pensamentos oníricos latentes, exemplificando com o tema da identificação histórica através da análise do sonho da bela açougueira: por que essa jovem esposa precisaria de um desejo não realizado?

Faço intervir aqui um pequeno artigo de Freud, “*Die Verneinug*”, de 1925. A tradução, como na grande maioria dos conceitos freudianos, prestou-se a várias interpretações. A Standard traz “A Negativa”, no *Dicionário Enciclopédico*, de Kaufman, foi traduzido como “renegação” e Lacan adotou “denegação”, tradução sugerida por Jean Hyppolite, no *Seminário 1*. Denegar é uma forma de expressar o que é no modo de não sê-lo. Exemplos sugeridos por Freud: “Agora o senhor vai pensar que quero ofender-lhe, mas não tenho essa intenção” ou “O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Não é minha mãe”.⁷ Pelo juízo de negação, ocorre a suspensão do recalçamento, sem que isso implique uma aceitação do recalcado, o que é possível pela separação entre o intelectual e o afetivo. Freud afirmou em seu artigo que

o conteúdo de uma imagem (representação-coisa) ou de uma representação (palavra) pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja denegado. A denegação constitui um modo de tomar conhecimento do que está recalcado (...). De vez que afirmar ou negar o conteúdo de pensamentos é tarefa da função do julgamento intelec-

⁴ Eles passam por transposição, mudança de lugar, de um sistema a outro.

⁵ *Ibid.*, p. 159.

⁶ *Ibid.*, p. 159.

⁷ *Idem*, 1976, p. 295.

tual (...). Um juízo negativo é o substituto intelectual do recalque; o seu “não” é a marca distintiva do recalque, seu certificado de origem.⁸

Nesse ponto Freud considera que a função do julgamento está relacionada, em geral, com duas espécies de decisões: o **juízo de atribuição** – de uma coisa, dizer ou desdizer sua propriedade – e o **juízo de existência** – de uma representação, declarar ou contestar sua existência na realidade. Jean Hyppolite comenta que, para compreender o artigo de Freud, é preciso “considerar a negação do juízo atributivo e a negação do juízo de existência como estando para-aquém da negação no momento em que ela aparece em sua função simbólica”⁹ e pergunta: o que há por trás do juízo de atribuição? A decisão de introjetar e expulsar. Ou, como diz Freud, “gostaria de comer isso, ou gostaria de cuspi-lo fora; ou, colocado de modo mais geral, gostaria de botar isso para dentro de mim e manter aquilo fora”.¹⁰ Trata-se aqui do chamado ego-prazer primário, que deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom e ejetar de si tudo quanto é mau. Freud faz uma observação fundamental: “aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos”.¹¹

O que está por trás do juízo de existência? A relação entre representação e percepção. Freud parte da hipótese de que o encontro com objeto é na verdade um reencontro, ou seja, o indivíduo reproduz em suas representações coisas a partir da percepção primitiva que teve delas. Isso porque “todas as representações se originam de percepções e são repetições dessa. Assim, diz Freud, originalmente a mera existência de uma representação constituía uma garantia da realidade daquilo que é representado. A antítese entre sujeito e objeto não existe desde o início”.¹²

Por isso, Freud afirmou que o ego-realidade se desenvolve a partir do ego-prazer inicial. Em outras palavras, “o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade não é encontrar na percepção real um objeto que

⁸ *Ibid.*, pp. 295-297.

⁹ In: LACAN, 1998, p. 898.

¹⁰ FREUD, 1976, p. 297.

¹¹ *Ibid.*, p. 297.

¹² *Ibid.*, p. 297.

corresponda ao representado, mas reencontrar tal objeto, convencer-se de que ele está lá (...) é pré-condição para o estabelecimento do teste? de realidade e consiste em que objetos, que outrora trouxeram satisfação real, tenham sido perdidos”.¹³ O que entra em jogo aqui é a gênese do externo e interno. Isso equivale a dizer que a antítese entre sujeito e objeto não está constituída: é a perda do objeto que vai funcionar como prova (teste) de realidade.

A procura do objeto porta, desse modo, as marcas constitutivas de um tempo mítico, em que não havia separação entre o sujeito e o objeto, e todo movimento consistia em introjetar e expulsar. A separação sujeito-objeto é correlata à pesquisa sobre a diferença sexual, a entrada do sujeito na fase edípica, em que opera a dialética do falo: ter ou não ter o falo equivale a ser ou não ser o falo.

A dialética vivenciada pelo sujeito sob a regência fálica introduz uma dimensão da verdade, implicando um atravessamento por diferentes formas de estruturação. Nessa perspectiva, no discurso proferido na Clínica Neuropsiquiátrica de Viena, em 1955, Jacques Lacan faz a coisa falar de si mesma: “Sou para vós, portanto, o enigma daquela que se esquia tão logo aparece, homens que tanto consentis em me dissimular sob os ouropéis (ouro falso, falso brilho, aparência enganosa) de vossas conveniências”.¹⁴ Sou o enigma, diz a coisa. O que nos diz a verdade? Que vagabundeia pelo que consideramos como o menos verdadeiro em essência: “pelo sonho, pelo desafio ao sentido da piadinha mais gongórica e pelo *nonsense* do mais grotesco trocadilho, pelo acaso, e não por sua lei, mas por sua contingência, e nunca procedo com mais certeza para mudar a face do mundo do que ao lhe dar o perfil do nariz de Cleópatra”.¹⁵

Se é possível sustentar que verdade fala nos sonhos, nos chistes, nas parapraxias, nos sintomas, é só porque revelam a divisão do sujeito. Essa fala fura o saber de si, aquele que nos engajou o pensamento moderno desde Descartes, que unificou o ser no pensamento, substancializando a coisa. Por isso, o “comércio de longo curso da verdade já

¹³ *Ibid.*, pp. 298-299.

¹⁴ LACAN, 1998, p. 410.

¹⁵ *Ibid.*, p. 411.

não passa pelo pensamento – estranho, parece doravante passar pelas coisas: *rêbus*, é por meio dele que me comunico”.¹⁶

Desde o início, Lacan escolhe como balizador de sua elaboração a célebre afirmação de Freud sobre as três feridas narcísicas. Seu retorno a Freud consiste em demarcar as conseqüências teóricas e clínicas do deslocamento do centro de gravidade de toda filosofia moderna: o verdadeiro centro do ser humano já não está doravante no mesmo lugar que lhe atribuiu toda uma tradição humanista. Resgatar, nessa via de retorno, o caráter pestilento da teoria freudiana é restituir o sentido de Freud. Qual é esse sentido? “A descoberta de Freud questiona a verdade, e não há ninguém que não seja pessoalmente afetado pela verdade (...). Se Freud não trouxe outra coisa ao conhecimento do homem senão a verdade de que existe o verdadeiro, não há descoberta freudiana.”¹⁷

Desde 1938, Lacan adotou a distinção entre *je* (sujeito do desejo) e *moi* (lugar de ilusão e erro). Tal distinção permitiu-lhe extrair conseqüências decisivas para sua leitura de Freud. No *Seminário - Livro 2*, por exemplo, pode-se reconhecer suas posições ao situar historicamente o registro de nascimento do eu (*moi*): meados do século XVI e início do século XVII. É em relação a este registro do eu (*moi*) como consciência de si que Lacan atribui a Freud o mesmo sentido de desenterramento realizado por Copérnico, afirmando que a descoberta freudiana pode ser lida “na fulgurante fórmula de Rimbaud – Eu (*je*) é um outro”.¹⁸

A exposição dessa referência à fórmula de Rimbaud aparece na seguinte afirmação:

O inconsciente escapa totalmente a este círculo de certezas no qual o homem se reconhece como um Eu (*moi*). É fora deste campo que existe algo que tem todos os direitos de se expressar por Eu (*je*) e que demonstra este direito pelo fato de vir à luz expressando-se a título de Eu (*je*). Justamente aquilo que é o mais não-reconhecido no campo do Eu (*moi*) que na análise se chega a formular como sendo Eu (*je*) propriamente dito.¹⁹

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*, p. 406.

¹⁸ LACAN, 1992, p. 14.

¹⁹ *Ibid.*, p. 15.

Disso conclui a metáfora tópica: o sujeito não se confunde com o indivíduo. Em outras palavras, “o sujeito está descentrado com relação ao indivíduo. É o que Eu (*je*) é um outro quer dizer”.²⁰

O aspecto aqui recortado pode ser reconhecido ao longo do trabalho de retorno a Freud, empreendido por Lacan. Para finalizar, aponto nos *Escritos* as incidências da tradução feita por Lacan das duas últimas frases que encerram a Conferência xxxi – “A Dissecção da Personalidade Psíquica” –, demonstrando os efeitos da transposição. O título escolhido por Freud para essa suposta conferência indica duas significações: dissecção é uma forma paralela da palavra dissecação, como substantivo feminino, significando retalhação anatômica, ou seja, separação (com instrumento cirúrgico) das partes de um corpo ou órgão de animal morto, para estudo da respectiva anatomia. No sentido figurado expressa análise minuciosa, exame rigoroso.

Outra direção permite apreender o que está em jogo na última frase da conferência. Dessecar é uma variação possível de significação: secar inteiramente, enxugar, tornar seco, árido. Freud termina afirmando que “*Wo Es war, soll Ich werden. Es ist Kulturarbeit etwa die Trockenlegung der Zuydersee*” – ou como encontramos na Standard Brasileira: “Onde estava o id, ali estará o ego. É uma obra de cultura não diferente da drenagem do Zuider Zee”.²¹ Como sempre, a precariedade da tradução brasileira elide completamente o que está em questão na sentenciosidade pré-socrática de Freud. Lacan traduz a última frase do seguinte modo: é um trabalho civilizatório mais ou menos como a secagem do Zuydersee.

Lacan se detém exaustivamente no tema, apontando os impasses da tradução do alemão para o inglês e o francês. Essa tradução, feita em 1955, na conferência citada, realça ainda mais a diferença fundamental entre o sujeito do inconsciente e o eu, núcleo de uma série de identificações alienantes. Vale registrar que tal discurso é enunciado no mesmo período de elaboração do *Seminário - Livro 2*.

Uma observação importante é destacada por Lacan: “Freud não disse *das Es* nem *das Ich*, como faz habitualmente para designar essas instâncias em que havia ordenado, já fazia dez anos, sua nova tópica; e

²⁰ *Ibid.*, p. 16.

²¹ FREUD, 1994, p. 84.

isso, considerado o rigor inflexível de seu estilo, dá ao emprego delas nessa frase uma ênfase particular”.²² A ausência do artigo neutro evidencia a noção de lugar.

Ele propõe como chave de leitura a seguinte tradução: “Ali onde isso era, como se pode dizer, ou ali onde se era, gostaríamos de fazer com que se ouvisse, é meu dever que eu venha a ser”. Portanto,

é no lugar, *Wo*, onde *Es*, sujeito desprovido de qualquer *das* ou de qualquer outro artigo objetivante (é de um lugar de ser que se trata era), *war*, é nesse lugar que, *soll*, devo – e é um dever moral que se anuncia aí, como confirma a única frase que sucede a esta para encerrar o capítulo – *Ich*, eu (*je*), ali devo eu (*je*) *werden*, tomar-me, isto é, não sobrevir, nem tampouco advir, mas vir à luz, desse lugar mesmo como lugar de ser.²³

Em 1957, na comunicação “A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud”, Lacan voltou à tradução do adágio freudiano:

A finalidade proposta ao homem pela descoberta de Freud foi definida por ele, no apogeu de seu pensamento, em termos comoventes: lá onde isso foi, ali devo advir. (...) Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita? (...) Se eu disse que o inconsciente é o discurso do Outro, com maiúscula, foi para apontar o para-além em que se ata o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento. Em outras palavras, esse outro é Outro invocado até mesmo por minha mentira como garantia da verdade em que ela subsiste. Nisso se observa que é com o aparecimento da linguagem que emerge a dimensão da verdade.²⁴

Em 1960, em “Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano”, um novo comentário:

Lá onde isso era, entre a extinção que ainda brilha e a eclosão que tropeça, eu (*je*) posso vir a sê-lo, por desaparecer do meu dito. Enunciação que se denuncia, enunciado que renuncia a si mesmo, ignorância que se dissipa, oportunidade que se perde, que resta aqui senão o vestígio do que é realmente preciso que exista para cair do ser? (...) Ser do não-ente, é assim que advém o Eu (*je*) como sujeito que conjuga pela dupla aporia de um subsistência verdadeira, que se abole por seu saber, e de um discurso em que é a morte que sustenta a existência.²⁵

²² LACAN, 1998, p. 418.

²³ *Ibid.*, p. 418.

²⁴ *Ibid.*, p. 528.

²⁵ *Ibid.*, p. 816.

Observemos que “devo” foi substituído por “posso”. É um aspecto sutil que faz toda diferença, uma vez que Lacan anuncia uma outra maneira de compreender a frase de Freud. Isso certamente tem relação com suas elaborações no período. Vide o escrito de 1963 – “Kant com Sade” – e a questão do desejo do psicanalista, apresentada em 1964, na Universidade de Roma.

Finalizando esta incursão pelos *Escritos*, cabe registrar outra referência, feita na aula inaugural “A Ciência e a Verdade”, de 1966. Nela, Lacan considera a divisão do sujeito entre verdade e saber como o que deve ser depreendido do apelo de Freud no final de sua conferência, traduzindo-a da seguinte forma: “lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo eu (jê) advir”.²⁶

A divisão do sujeito é um mote para reconhecer o que está atuando na prática analítica. Na cela analítica, não se encontram dois sujeitos presentes,

mas dois sujeitos providos, cada um deles, de dois objetos, que são o Eu e o outro, tendo esse outro o índice de um a minúsculo inicial (...). Nessa partida a quatro, o analista age sobre as resistências significativas que lastreiam, refreiam e desviam a fala, introduzindo ele mesmo nesse quarteto o sinal primordial de exclusão que conota o ou – ou então – da presença ou da ausência, que destaca formalmente a morte incluída na *Bildung* narcísica. (...) Isso quer dizer que o analista intervém concretamente na dialética da análise se fazendo de morto, cadaverizando sua posição, como dizem os chineses, seja por seu silêncio, ali onde ele é o Outro, com maiúsculo, seja anulando sua própria resistência, ali onde é o outro, com minúsculo. Em ambos os casos e sob as respectivas incidências do simbólico e do imaginário, ele presentifica a morte.²⁷

Referências Bibliográficas

FREUD, S. *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, 2.^a ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994, v. XXII.

_____. *A Interpretação dos Sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, 2.^a ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. VI e V.

²⁶ *Ibid.*, p. 878.

²⁷ *Ibid.*, p. 431.

- _____. *A Negativa*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.IV.
- LACAN, J. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *O Seminário – Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* Trad. Marie Christine Laznik Penot; colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- POLITZER, G. *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Trad. Marcos Marciolino e Yvonet M.C. T. Silva. Piracicaba: Editora Unimep, 1998.